

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

**CARLOS EDUARDO DA COSTA SANTOS**

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E COOPERATIVISMO COMO PRÁTICAS PARA A  
QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO**

São Luís

2019

**CARLOS EDUARDO DA COSTA SANTOS**

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E COOPERATIVISMO COMO PRÁTICAS PARA A  
QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO**

Trabalho de conclusão de curso, na modalidade de artigo, apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Administração da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

Orientador: Prof. Dr. Ademir da Rosa Martins

São Luís

2019

Santos, Carlos Eduardo da Costa.

Economia solidária e cooperativismo como práticas para a  
qualidade de vida no trabalho / Carlos Eduardo da Costa Santos. –  
2019.

20 f.

Orientador(a): Ademir da Rosa Martins.  
Monografia (Graduação) - Curso de Administração,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1. Economia Solidária. 2. Cooperativismo. 3. Qualidade de  
vida no trabalho. I. Martins, Ademir da Rosa. II. Título.

**CARLOS EDUARDO DA COSTA SANTOS**

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E COOPERATIVISMO COMO PRÁTICAS PARA A  
QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO**

Trabalho de conclusão de curso, na modalidade de artigo, apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Administração da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

Aprovado em: 11 / 12 / 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Ademir da Rosa Martins (orientador)

Dr. em Informática na Educação

Universidade Federal do Maranhão

Prof<sup>a</sup> Mayana Virginia Viégas Lima

Dr<sup>a</sup> em Administração

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Ricardo André Barbosa Carreira

Me. Em Gestão Empresarial

Universidade Federal do Maranhão

*“O desempenho econômico não é a única  
responsabilidade de uma empresa.  
Uma organização tem plena responsabilidade  
pelo seu impacto sobre a comunidade e a  
sociedade.”*

Peter F. Drucker

## RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito principal analisar investigar, a partir dos enfoques de várias literaturas, espelhados em um caso prático, a eficácia das práticas da Economia Solidária e do cooperativismos frente aos desafios da qualidade de vida no trabalho. Abordada em um contexto de crise da qualidade de vida do trabalho como evidenciam-se repetidos casos de estresse na vida laboral, o cooperativismo solidário tem se colocado não só como uma alternativa de trabalho, mas, para além disso, como um embrião de um novo modelo produtivo e de relações de trabalho. O instrumento de pesquisa utilizado foi um estudo de caso, com aplicação de uma entrevista, centrado em uma experiência de cooperativismo oriunda do campo da Economia Solidária, na comunidade quilombola Povoado Santo Antônio dos Pretos, na região de Penalva, Maranhão. Os resultados da pesquisa evidenciaram que a Economia Solidária e o Cooperativismo são estratégias viáveis para combater os problemas da qualidade de vida no trabalho.

**Palavras chave:** Economia Solidária. Cooperativismo. Qualidade de vida no trabalho.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>ECONOMIA SOLIDÁRIA E COOPERATIVISMO .....</b>	<b>7</b>
<b>3</b>	<b>QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO .....</b>	<b>10</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA DE PESQUISA .....</b>	<b>12</b>
<b>5</b>	<b>EXPERIÊNCIA PRÁTICA: ASA DOS PRETOS.....</b>	<b>12</b>
<b>5.1</b>	<b>Asa dos Pretos: como tudo começou .....</b>	<b>13</b>
<b>5.2</b>	<b>Atividades Desenvolvidas .....</b>	<b>13</b>
<b>5.3</b>	<b>Resultados obtidos .....</b>	<b>14</b>
<b>5.4</b>	<b>Entrevista.....</b>	<b>14</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>16</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>17</b>
	<b>ANEXO A – GALERIA DE FOTOS .....</b>	<b>19</b>

## ECONOMIA SOLIDÁRIA E COOPERATIVISMO COMO PRÁTICAS PARA A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO

Carlos Eduardo da Costa Santos \*  
Ademir da Rosa Martins †

**Resumo:** Esta pesquisa tem como propósito principal analisar investigar, a partir dos enfoques de várias literaturas, espelhados em um caso prático, a eficácia das práticas da Economia Solidária e do cooperativismo frente aos desafios da qualidade de vida no trabalho. Abordada em um contexto de crise da qualidade de vida do trabalho como evidenciam-se repetidos casos de estresse na vida laboral, o cooperativismo solidário tem se colocado não só como uma alternativa de trabalho, mas, para além disso, como um embrião de um novo modelo produtivo e de relações de trabalho. O instrumento de pesquisa utilizado foi um estudo de caso, com aplicação de uma entrevista, centrado em uma experiência de cooperativismo oriunda do campo da Economia Solidária, na comunidade quilombola Povoado Santo Antônio dos Pretos, na região de Penalva, Maranhão. Os resultados da pesquisa evidenciaram que a Economia Solidária e o Cooperativismo são estratégias viáveis para combater os problemas da qualidade de vida no trabalho.

**Palavras-chave:** Economia Solidária. Cooperativismo. Qualidade de vida no trabalho.

### 1 INTRODUÇÃO

A Economia Solidária e o Cooperativismo são práticas eficazes de qualidade de vida no trabalho? As respostas para essa questão são o objeto da presente pesquisa, a partir de uma leitura marxista sobre o trabalho laboral do ser humano como fonte geradora de qualidade de vida, resultante da justiça social.

O cooperativismo, começou a ser gerado com o movimento operário dos séculos XVIII e XIX. Surgiu com as primeiras manufaturas organizadas sob a forma de cooperativas, na Inglaterra de 1790. Há informações a respeito de cooperativas na França desde o século XIX. Essas, sempre como formas de reação dos trabalhadores franceses à Revolução Industrial, eram denominadas de cooperativas operárias de produção. Charles Fourier sustentava na França a criação de comunas agrícolas autossuficientes, denominadas de falanstérios. Fourier (MARTINS, 2006) entendia que as pessoas nesses casos deveriam ser associadas e proprietárias, ao mesmo tempo.

Entretanto, quanto mais o capitalismo se estabeleceu como modo de produção predominante nas sociedades industrialmente mais desenvolvidas, mais o cooperativismo perdia importância e espaço. Apenas a partir das últimas décadas do Século XX, com as transformações que vêm atingindo globalmente o mundo do trabalho, trazendo o fenômeno da “nova questão social” (CASTEL, 1998), com a ampliação do número dos socialmente excluídos, que perseguem sua sobrevivência no mercado informal de trabalho, a busca pelo bem viver nas relações cotidianas de trabalho tem sido uma constante preocupação entre os próprios atingidos por tais processos.

O advento do cooperativismo surge para muitos setores da sociedade como uma alternativa, justamente por propiciar ao desempregado trabalho e renda, além de poder possibilitar-lhe realização pessoal e a retomada da autoestima e da condição cidadã.

Tem-se como perspectiva desse estudo, um olhar centrado em uma experiência de cooperativismo que, optando pelo campo da Economia Solidária, busca combinar um sentido de justiça social, na dimensão associativa, e a qualidade de vida, na dimensão do trabalho.

Analisa-se em que medida uma cooperativa, situada e com atuação no município de Penalva, município da região da Baixada maranhense, tem alcançado esse nível de

---

\* Aluno do Curso de Administração/UFMA. Artigo apresentado para a disciplina de TCC II, na data de xx/12/2019, na cidade de São Luís/MA. Contato: eduardo.santosma10@gmail.com;

† Professor orientador. Dr. em Informática na Educação. Departamento de Ciências Contábeis, Imobiliárias e Administração/UFMA. Contato: ademir.martins@ufma.br



efetividade, de modo a oportunizar a geração de trabalho e a inclusão social, em termos de um trabalho “decente/digno”, ou se, ao contrário, atua como mais um fator de precarização das relações de trabalho. Reconstituímos os processos históricos de sua formação e identificamos os focos atuais do seu processo produtivo, discutindo a efetividade pessoal e social dessa iniciativa.

Ao longo dessa pesquisa, buscou-se investigar, a partir dos enfoques de várias literaturas, espelhados em um caso prático, a eficácia das práticas da Economia Solidária e do cooperativismo frente aos desafios da qualidade de vida no trabalho. Suas vantagens e desvantagens que tangem a satisfação sustentável das necessidades e o desenvolvimento humano e social também são objeto desse estudo.

A motivação pelo tema escolhido partiu da percepção da dificuldade das pessoas e da sociedade de distinguir os benefícios econômicos, sociais e pessoais de um sistema solidário e cooperativo.

O texto está dividido em cinco seções. Na primeira, se apresenta o tema, o contexto da pesquisa e seus objetivos. Na segunda apresentamos os princípios metodológicos que nortearam a pesquisa. Na terceira buscou-se situar os conceitos e o contexto histórico da Economia Solidária e do cooperativismo buscando identificar suas bases de constituição e seus principais dilemas. Na quarta seção, realizou-se um resgate conceitual e histórico da qualidade de vida no trabalho, sob o contexto de importantes evoluções de pensamento do mundo empresarial. Na quinta seção, faz-se uma análise de uma experiência de cooperativismo por meio de pesquisa empírica, utilizando análise documental e entrevistas com a direção da associação pesquisada. Por fim, na sexta seção conclui-se contextualizando com o objeto do estudo e, assim, identificar possibilidades e limites quanto ao seu propósito de se constituir em alternativa efetiva de geração de trabalho e renda, em um espaço de exercício da qualidade de vida no trabalho.

## 2 ECONOMIA SOLIDÁRIA E COOPERATIVISMO

*“O sistema: com uma das mãos rouba  
o que com a outra empresta.  
Suas vítimas: quanto mais pagam,  
mais devem.” (Eduardo Galeano)*

### *Uma economia solidária é possível?*

Economia Solidária é uma expressão que começa a ser mais rigorosamente discutida, sendo objeto de sucessivas tentativas de delimitação/categorização teórica. O que há de comum a grande maioria dessas tentativas é a ideia de que uma gama variada de empreendimentos econômicos — associações, cooperativas, empresas recuperadas, fundos mútuos para finalidades diversas, clubes de trocas, organizações para “comércio justo” etc.

O cooperativismo é, pois, encarado como um referencial da Economia Solidária, que surgiu como invenção de operários em resposta a alta taxa de desemprego trazida principalmente com o advento das máquinas de vapor no início da chamada fase industrial do capitalismo.

Uma das ideias que o cooperativismo apresenta é a de que todos os integrantes são responsáveis pelo processo administrativo do coletivo. Colidindo com o ideal capitalista representado por seu sistema hierárquico que segrega os indivíduos. É um instrumento de organização econômica da sociedade, caracteriza-se como uma forma de ajuda mútua por meio da cooperação e da parceria (SICREDI, 2015).

O movimento cooperativista teve início na Inglaterra, no século XIX, em Rochdale, Manchester, com a fundação da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale. Onde, em 1844, vinte e oito tecelões depois de economizarem durante um ano uma libra cada um,

constituíram cooperativas de consumo, com o objetivo de enfrentar a crise industrial da época, oferecendo alimentos essenciais a preços justos. Nessa mesma época, segundo Polonio (2001), na França teve início o movimento das cooperativas de produção, e na Alemanha foi constituído as cooperativas de crédito e de consumo.

Os pioneiros de Rochdale, ao reunirem suas economias, tinham por objetivo melhorar as condições de vida de seus cooperados, buscavam uma alternativa à exploração que sofriam sob o sistema capitalista (longas jornadas de trabalho sob condições desumanas e com salários baixos). Foi nesse movimento dos pioneiros de Rochdale que o cooperativismo encontrou forma e consistência até chegar aos dias atuais, mundialmente ganhou força com a criação da Aliança Cooperativa Internacional (ACI) em 1895, cuja missão é representar, congrega e defender o movimento cooperativista.

Santos (2008), aborda os princípios que hoje norteiam o cooperativismo, sendo eles: a) adesão voluntária e livre; b) gestão democrática e livre; c) participação econômica os associados; d) autonomia e independência; e) educação, formação e informação; f) intercooperação; e g) interesse pela comunidade.

Por sua vez, a Economia Solidária, que comporta o cooperativismo, assim como o associativismo e outras formas de trabalho coletivo caracterizados pela autogestão, é um conceito criado na década de 1990 (GODOY, 2008) que tem em seu bojo a discussão das desigualdades sociais suscitadas pelo crescimento econômico que não proporcionou bem-estar a todos.

Com a Proclamação da República no Brasil, em fins de 1889, proporcionou-se um ambiente mais favorável à liberdade de associação, começando a surgir em decorrência de tais condições as primeiras organizações efetivamente intituladas de sociedades cooperativas, o que se fortaleceu ainda mais em 1891, com a Constituição da República, que assegurou liberdade de associação (art. 72, §8º).

O Estado, a partir daí, começou a legislar sobre associativismo rural e, posteriormente, já no século XX, sobre cooperativismo. Ao longo da maior parte do Século XX, com a tendência crescente ao assalariamento, primeiro agrícola e depois nos setores industrial e de serviços, o cooperativismo se desenvolve como uma opção secundária e, sobretudo, no setor rural, como forma disfarçada de empresa (MARTINS, 2006).

Foi nesse contexto que emergiu a experiência da Economia Solidária, como diz Silva Filho (2002) “considerada uma escola cidadã de participação e trabalho associado e uma alternativa válida e eficiente de solução de problemas da comunidade”.

Acrescenta ainda o autor que, do ponto de vista econômico, as instituições que formam a Economia Solidária podem ser consideradas “empresas”, já que administram seus recursos, provêm-se de matéria prima, transformam, produzem serviços, entretanto o que as tornam *protagonistas de primeiro nível de ação comunitária e das políticas sociais desenvolvidas* seria o princípio de solidariedade a elas inerentes.

Outra definição de Economia Solidária é

(...) o conjunto das iniciativas econômicas associativas nas quais a) o trabalho; b) a propriedade de seus meios de operação (de produção, de consumo, de crédito etc.); c) os resultados econômicos do empreendimento; d) os conhecimentos acerca de seu funcionamento; e) o poder de decisão sobre as questões a ele referentes são compartilhados por todos aqueles que dele participam diretamente, buscando-se relações de igualdade e de solidariedade entre seus partícipes (Cruz, 2006, p. 69).

Em outras palavras, os Empreendimentos de Economia Solidária (EES) participariam da economia de mercado e aceitariam as suas regras sem, porém, estarem conformados com elas.

A grande maioria dos EES surgiu a partir da ação de lideranças vinculadas aos novos movimentos sociais dos anos 1980, durante a década seguinte, orientados a partir do discurso da crítica ao capitalismo e da ética da igualdade e da participação democrática. Não deve existir quem manda mais ou quem manda menos, mas pessoas de referências para cada processo. Para os processos de tomada de decisão, são realizados reuniões ou assembleias para que cada integrante possa expor sua opinião, assim, o coletivo pode tomar uma melhor decisão.

Paulo Freire escreve, na Introdução ao Primeiro Programa de Economia Popular de Solidariedade para a América Latina:

Ela (ECOSOL) representa algo de novo e esperançoso para o futuro da educação e para uma nova ordem econômica mundial. Considerando-se que a partir de uma nova prática econômica teremos que elaborar uma teoria do conhecimento que fundamente e fortaleça uma vida melhor para os setores populares. (FREIRE,1970)

Evidencia-se na abordagem freiriana que o surgimento de uma economia popular voltada às camadas mais abastadas da sociedade, trouxe luzes na penumbra da ordem econômica imposta pelo capital. Nessa mesma perspectiva, Marilena Chauí (1999) escreveu para a Folha de São Paulo

Se por trabalho entendermos algo que nos pede reflexão, crítica, descoberta, intervenção e criação; se por trabalho entendermos uma visão compreensiva de totalidades e sínteses abertas que suscitam a interrogação e a busca; se por trabalho entendermos uma ação civilizatória contra a barbárie social, política e econômica, então, é evidente que o trabalho de produção capitalista não forma e não cria pensamento, despoja a linguagem de sentido, destrói a curiosidade e a admiração que levam a descoberta do novo, anula toda pretensão de transformação histórica como ação consciente dos seres humanos em condições materialmente determinadas. (CHAUÍ, Marilena. Folha de São Paulo, Caderno Mais! 9 de maio de 1999).

Na V Plenária Nacional de Economia Solidária os movimentos sociais e cooperativistas presentes adotam uma postura de se contrapor ao sistema capitalista e conseqüentemente, fortalecem os Movimentos Sociais Populares, consolidam o Movimento de Economia Solidária, afirmando-o como Movimento Social contra o capitalismo e por uma nova sociedade, com acesso a recursos financeiros, para produção sustentável e uma justa distribuição de renda.

O socialista francês da belle époque Jean Jaurès (apud Lojkine, 1996, p. 13-14) apresenta como pista de uma das formas possíveis de contribuição da Economia Solidária para a transformação da sociedade afirmando que todas as grandes revoluções foram feitas no mundo porque a nova sociedade, antes de se afirmar, havia penetrado por todas as fissuras, através de suas menores raízes, no solo da antiga sociedade.

Mario Sergio Cortella, em seu livro *Diálogo sobre a esperança* (2012), um modelo pedagógico/processual em alusão ao modelo cooperativista de trabalho, exemplifica ao leitor, através de uma história de produção de pamonha, a experiência pedagógica e popular de cooperativismos entre adultos e crianças

A produção da pamonha segue uma lógica processual sempre colaborativa, mas é, antes de tudo, processo, com pessoas envolvidas por determinado tempo na elaboração de algo, cujo resultado era desejado pelos colaboradores como o momento culminante. A sequência lógica era a seguinte: num domingo de manhã, os homens saíam para pegar milho. No caminho de volta, já tiravam parte da palha. Entregavam então para as crianças, que tiravam os “cabelinhos restantes”. A seguir, cabia à parte das mulheres uma tarefa muito complexa, que era ralar o milho sem

ralar os dedos, enquanto outras iam costurar a palha que serviria para envolver a pamonha. As crianças brincavam... Era uma atividade comunitária, coletiva. Existia uma clara ideia de coletividade. Ao final, depois de quatro ou cinco horas, comiam todos juntos a pamonha. (CORTELLA, 2012).

Ainda segundo Cortella (2012) a finalidade do ritual acima descrito não era comer pamonha, era ficar junto. E como cada um tinha uma tarefa, desde os pequenos até os mais idosos, aquela vivência gerava uma união resultante da participação em uma obra coletiva. Essa prática permitia, ademais, que as crianças percebessem que existia uma história entre aquilo que aparecia nas mãos delas, dentro de uma palha de milho, e aquilo que tinha acontecido no começo do dia. E que essa história significava organização, afetividade e cooperação.

A Economia Solidária vem permitindo — e pode permitir ainda mais — a amplos seguimentos dos trabalhadores a sobrevivência num contexto adverso, o exercício da autogestão, a pedagogia da luta, a compreensão da economia nos planos micro e macro, além do desenvolvimento da cooperação e da solidariedade entre os trabalhadores.

As lutas dos trabalhadores e das trabalhadoras na defesa de seus interesses cotidianos dizem respeito em geral à distribuição de renda. A Economia Solidária tem forte potencial para agregar a luta pela distribuição da riqueza acumulada, diferente dos moldes capitalistas.

O pensamento de que a Economia Solidária pode ser uma das frentes de luta contra o capitalismo é um dos elementos essenciais para a recomposição de um novo modelo de sociedade pautada no bem viver para todos os povos. Essa utopia só será realidade a medida em que a Economia Solidária se articular com os demais movimentos sociais que buscam a transformação social.

### 3 QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO

*“Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar  
e com sua coragem de anunciar e denunciar.  
Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã  
pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora,  
se atrelarem a um passado de exploração e de rotina.” (Paulo Freire)*

O paralelo entre a Economia Solidária e a Qualidade de Vida no Trabalho (doravante QVT) surge na tentativa de inserir práticas fundadas na solidariedade e igualdade entre os homens e mulheres, visando superar a divisão entre capital e trabalho, por meio de práticas autogestionárias e cooperativas nas organizações, sendo instrumento de inclusão social e finalmente, tendo como uma perspectiva o direito a um trabalho saldável.

A busca pela qualidade de vida vem se tornando cada vez mais necessária, faz parte do direito do colaborador coexistir em um local de trabalho que proporcione satisfação e motivação da melhor forma possível. Os fatores da QVT têm por objetivo facilitar o convívio social e deverão estar sempre alinhados, proporcionando um ambiente favorável, com relações interpessoais agradáveis e saudáveis. Nota-se que a alta produtividade está diretamente relacionada ao bem estar dos funcionários no local de trabalho e a importância de utilizar ações estratégicas para transformar a satisfação em resultados se torna cada vez mais relevante.

É sabido que o mercado competitivo e capitalista tem se tornado tão nocivo às pessoas, como apresenta o site UOL em pesquisa própria que

Não há dados precisos sobre isso, mas, segundo a representação brasileira da Associação Internacional de Manejo do Estresse (ISMA), 72% dos brasileiros que estão no mercado de trabalho formal sofrem alguma sequela ocasionada pelo

estresse. Desse total, 32% sofreriam de burnout. De acordo com João Silvestre da Silva Junior, diretor da Associação Nacional de Medicina do Trabalho e perito médico do INSS, cerca de 20 mil brasileiros pedem afastamento médico por ano por doenças mentais relacionadas ao trabalho. (UOL, 2019, n.p.)

As pessoas passam no ambiente de trabalho cerca de 1/2 de seu tempo, onde são criados relacionamentos e aprendizagens. Dessa forma, é de grande relevância estudar as novas formas de organização, que buscam tornar-se trabalho e vida pessoal elementos complementares, transformando a empresa em um espaço no qual cada um terá a oportunidade de aprender a aprender, aprender a conviver, aprender a fazer, e aprender a ser.

Com o avanço da globalização, diferentes ambientes de aprendizagem e novas metodologias se desvelam, trazendo à tona a necessidade de rever os modelos existentes. Deste modo, tais influências devem ser revistas pelos administradores, pois hoje se sabe que elas afetam fortemente a motivação, podendo aumentar as frustrações e o absenteísmo e, geralmente, acarretam graves problemas de comunicação dentro das mesmas.

Para Silva e De Marchi (1997), dos muitos desafios que se apresentam para o mundo empresarial na atualidade, dois são fundamentais: o primeiro encontra-se relacionado com a necessidade de uma força de trabalho saudável, motivada e preparada para extrema competição existente, e o segundo, está ligado com a competência do empregador em responder a demanda de seus funcionários para uma melhor qualidade de vida.

Como o capital humano constitui força vital para a realização dos objetivos da organização, gera-se então uma necessidade de unificar as forças e desenvolver um gerenciamento com uma nova perspectiva em relação aos seus contribuintes. A partir disso, deve-se visar o contentamento ao profissional, fortalecer a moral da equipe, e promover a boa qualidade de vida no trabalho, focalizando a produtividade, motivação e o comprometimento com os resultados.

A meta principal de QVT é a conciliação dos interesses dos colaboradores e das empresas, ou seja, melhorando a satisfação do trabalhador, melhora-se a produtividade da empresa. Até chegar nesse entendimento dos empregadores, Máximo Filho (2006) relata a evolução histórica da Administração que a sociedade teve que passar da seguinte forma: por volta de 1920, durante a segunda Revolução Industrial, a Era da Gestão Empresarial foi iniciada. Ela, por sua vez, pode ser decomposta em quatro períodos: período da Produção em Massa (1920/1949), cujo destaque estava na quantidade de produção e na padronização do processo (linha de montagem); período da Eficiência (1950/1969), cuja ênfase encontrava-se no controle interno das operações (burocratização da gestão); período da Qualidade (1970/1989), quando a prioridade passou a ser a satisfação do cliente e, por fim, o período da Competitividade (a partir de 1990), no qual se evidencia a busca da excelência empresarial (eficiência e eficácia), visando a atender os interesses dos clientes, dos colaboradores, da comunidade e dos acionistas.

A Administração de Recursos Humanos (ARH) evoluiu de acordo com os fatos históricos, políticos, econômicos e sociais de cada época. Conforme Chiavenato (2009), no decorrer do século XX, as mudanças nas funções de Recursos Humanos passaram por três eras. A era da industrialização clássica, que teve início nos anos de 1900 e perdurou até 1950; a era da industrialização neoclássica, que percorreu de 1950 até os anos de 1990 e a era da informação, que teve início em 1990 e se estende até os dias de hoje.

Embora a era da informação, descrita por Chiavenato (2009), tenha foco na gestão de pessoas e seja a fase mais recente da ARH, poucos estudos com análise mais aprofundada estão sendo desenvolvidos sobre esse assunto para saber qual fase predomina de fato. Na era da informação, as pessoas são vistas como seres inteligentes, dotadas de conhecimentos e habilidades, sendo o ativo mais importante das organizações. A Escola das Relações Humanas

(MOTTA, 2006; ARAÚJO, 2011) surgiu, pela necessidade de corrigir a forte tendência à desumanização do trabalho.

Fazendo uma analogia com a Teoria das Necessidades Humanas de Maslow (1951), percebe-se que os fatores de manutenção estão ligados com necessidades de ordem inferior como necessidades sociais, necessidades de segurança e necessidades fisiológicas. Logo, os fatores motivadores estão ligados com necessidades de ordem superior, como necessidade de auto realização, necessidades de status e estima.

O movimento cooperativista de fato, não é um movimento novo no ordenamento, entretanto ganha força pela crise imposta pela atual forma do mercado de trabalho, onde alternativas antes já existentes devem ser mais bem trabalhadas sob novas perspectivas e novas abordagens. É o caso do cooperativismo que, como foi abordado, surgiu com o próprio processo do capitalismo industrial, mas que retoma sua importância somente no final do século XX.

#### **4 METODOLOGIA DE PESQUISA**

A referida pesquisa buscou encontrar alternativas e lampejos de resolutividade à problemática exposta na Introdução, tendo sido realizada de duas formas.

A primeira de revisão bibliográfica, a fim de encontrar bases palpáveis sobre a Economia Solidária, como forma de trabalho cooperativista e o cenário de qualidade de vida no arcabouço do mundo do trabalho atualmente.

Cervo, Bervian e Silva (2007, p.79) afirmam que “a pesquisa bibliográfica tem como objetivo encontrar respostas ao problema formulado, e o recurso utilizado para isso é a consulta de documentos bibliográficos”.

A segunda, se fundou nos direcionamentos da pesquisa de campo, em uma unidade cooperativa de Economia Solidária, a fim de analisar a forma de trabalho e relacionamento com todos os agentes envolvidos na atividade e, em paralelo, observar o modo de convivência e o desenvolvimento pessoal e coletivo do potencial de debate político desses agentes.

Conforme Gil (2010, p. 58) “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permite o seu amplo e detalhado conhecimento”.

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se entrevistas com a direção da associação foco dessa pesquisa.

Esta pesquisa traz na sua essência os tracejados das mãos quilombolas que, com muito sangue e suor, constroem paulatinamente, ainda na atualidade, alternativas de resistência.

#### **5 EXPERIÊNCIA PRÁTICA: ASA DOS PRETOS**

No Maranhão, bem como em todo o Brasil, a Economia Solidária ainda se mostra de forma tímida, uma vez que a cultura das relações de trabalho desenvolvida ao longo da História na sociedade brasileira, mostra-se contrária aos movimentos que pregam a solidariedade nos meios de produção. Essa sociedade, principalmente no campo do trabalho, se desenvolveu no seio de uma cultura puramente capitalista.

Para melhor estruturar e facilitar a leitura e entendimento, o autor resolveu nesta pesquisa fazer uma divisão no “quando” da análise da pesquisa, sendo nesta seção um breve relato dos fundadores da associação pesquisada, informando e demonstrando como se deu a criação da cooperativa, as principais ações desenvolvidas e os resultados alcançados.

A cooperativa estudada, Associação Santo Antônio dos Pretos (ASA dos Pretos) inserida no campo da Economia Solidária, originou-se através dos descendentes quilombolas que fincaram os pés no povoado homônimo a Associação, a partir do inconformismo com a

exclusão das pessoas pertencentes a comunidade, diante de um mercado exigente e competitivo, sonhando com um novo paradigma de produção, consumo e conviver, onde o trabalho coletivo e a valorização humana são o centro da ação.

Uma das fundadoras da associação, Elivania Estrela, remanescente da comunidade quilombola *locus* da pesquisa, relata que “a exclusão ou a não participação do homem do campo no trabalho prejudica a consciência cidadã e fere os direitos naturais da pessoa”. A diretora da associação acrescenta ainda o “cenário de fragilidade social da comunidade, pois tudo que tinha chegado na comunidade até o momento de política pública era por meio da ‘troca de favor’ por voto”.

Outra narrativa preponderante que inaugura essa etapa, é o de Bráulio Ayres, padre e, também, diretor da associação, nascido na referida comunidade quilombola. Ele relata que “o povo quilombola por si só tem a metodologia de trabalhar em conjunto, em sistema de cooperação, a comunidade se entende como um todo. Tudo é feito em mutirão e bem organizado, cada um sabendo sua função, homem, mulher, jovens e crianças e idosos”

### **5.1 Asa dos Pretos: como tudo começou**

*Asa dos Pretos*, associação formada por descendentes quilombolas que fincaram os pés no povoado Santo Antônio, no município de Penalva, Maranhão, Brasil. O objetivo da associação é fomentar projetos para um desenvolvimento integral da comunidade quilombola.

A maior ação produtiva se dá na agricultura do cultivo do milho, arroz, feijão e mandioca. Os meios usados são os mesmos herdados dos velhos quilombos, tais como: derrubadas, queimadas e plantios no meio dos tocos. Como instrumentos para arar a terra usam enxadas, sachos e foices.

Nesse sentido, foi elaborado um projeto piloto de educação e desenvolvimento socioeconômico e ético, inicialmente no povoado de Santo Antônio, situada a 393 Km de São Luís, capital do estado do Maranhão, considerando a sua descendência da população de escravos.

Sensibilizada com a situação de exclusão social dos moradores de comunidades quilombolas, do município de Penalva, na região da Baixada Maranhense, a ASA dos Pretos celebrou parcerias com colaboradores europeus (CEI e MEDICUS MUNDI Itália), dentre outros parceiros locais, o que gerou intervenções e incidências na referida comunidade quilombola entre os anos de 2017 e 2018, estendendo-se até os dias atuais.

O projeto se destinou a uma população que há mais de 400 anos vive essa realidade de negação de seus direitos, que se mantém pela fragilidade (em alguns casos pela falta) de Políticas Públicas de inclusão social. Uma população que só vivia do extrativismo e da pesca artesanal segundo o “capricho da natureza”. Em maioria, são famílias de baixa renda, com pouco acesso e informações de como participar dos meios oferecidos pelo poder público, inclusive a inclusão por meio de crédito econômico que auxilie na economia dos cidadãos.

O projeto aplicado na comunidade teve um modelo educativo – formativo experimental que buscou envolver outras famílias de baixa renda e pouca escolaridade e, assim, contribuir para aquisição e intercâmbio, de modo prático e teórico, de novos conhecimento e saberes, tais como: novas técnicas agrícolas, informações técnicas para aprender a construir um sistema de fundo de quintal, alívio de peixe d’água doce, e a criação de bovinos, caprinos, ovinos.

### **5.2 Atividades Desenvolvidas**

Primeira experiência do Maranhão de “Roça sem fogo”, desenvolvida com onze famílias, que por durante um ano tiveram que fazer o cultivo e manejo das roças sem usar a

técnica rudimentar de queimar a mata. Dessa experiência surgiu a *roça comunitária* e a *horta comunitária* no estilo “mandala”.

Outra ação desenvolvida pela associação foi o *Laboratório de Suinocultura*, em que cada família recebeu um casal de suínos para posteriormente também doar um casal para outra família da comunidade que ainda não dominava a técnica aprendida. Também foram ofertados cursos de capacitação, com professores mestres e doutores, fomentado através da parceria com universidades locais (UEMA e CEUMA), onde a metodologia era sempre fundamentada na formação aliada com a prática.

Alguns dos cursos ofertados aos associados foram de Transformação da Mandioca; Avicultura; Cultivo da mandioca consorciada com milho, arroz e feijão; Criação de pequenos animais (suínos) para produtores(as) rurais. Ainda, foi desenvolvida formação teórica e prática para a Produção Agrícola e Criação de Animais em nível Familiar, com metodologia de exposição dinamizada e demonstração.

Os associados posteriormente vendem o excedente da produção nas feirinhas comunitárias e no município, o que gera renda, fomenta a economia local e eleva a qualidade de vida e a auto estima de todos os envolvidos na comunidade.

### 5.3 Resultados obtidos

Estes foram os resultados obtidos:

- a) 01 laboratório prático de plantio de mandioca consorciada com milho, arroz e feijão;
- b) 07 toneladas de mandioca; 0,6 toneladas de grãos de milho; 0,4 toneladas de grão de arroz; e 0,6 toneladas de grãos de feijão por hectare plantado;
- c) 05 produtos da mandioca fabricados: Tapioca, farinha de tapioca, seca, mista, d’água/pubá;
- d) 21 beneficiários, sendo 12 homens e 9 mulheres. 50% dos produtos beneficiados são para consumos das famílias e 50% são para geração de renda.
- e) Feira com os produtos produzidos para comercialização. Todos foram vendidos.

### 5.4 Entrevista

Relata-se a seguir a entrevista realizada com a diretoria da Associação, acompanhada de breves comentários frente ao referencial teórico elaborado..

**Pesquisador (P):** Como é o ambiente de trabalho? (Isto é, há disputa de espaços nas realizações das tarefas ou fazem junto para chegar a um objetivo enquanto grupo?)

**Entrevistado (E):** *A comunidade sempre é considerada, desde o planejamento até o fazer. Todos os envolvidos são ouvidos, a começar pelos problemas, ideias, até chegarmos as soluções em conjunto a fim de que todos se sintam parte da construção. Não se nota estresse, nem pessoas depressivas, pelo contrário, se vê muito sorriso e muita esperança de que tudo vai dar certo.*

Confiar em cada trabalhador e os empoderar nos processos em que estão envolvidos, são meios de tornar a atmosfera do trabalho cada vez mais prazerosa, conforme observado na Associação.



**P:** Qual o nível de autonomia existente no trabalho? (Isto é, até que ponto é permitido decidir a maneira de realizar as tarefas?)

**E:** *É um ambiente muito aberto a opiniões divergentes. Existe a capacitação de todos os trabalhadores como os métodos científicos, mas até o aprendizado vai sendo construído com a experiência dos quilombolas, de igual modo acontece na hora de realizar as atividades diárias.*

Notou-se um real compartilhamento de autonomia, dando às pessoas não somente as informações, mas o apoio e a liberdade necessária para agirem. Para Hilsdorf, (2010) essa ferramenta é o “empowerment”, esse corresponde a uma relação que envolve poder e responsabilidade, como duas faces de uma mesma moeda, para promovê-lo, não basta transferir verbalmente poder às pessoas; elas precisam ter reais condições de agir no pleno exercício da sua responsabilidade.

**P:** O quanto os trabalhadores desenvolvem as atividades do início ao fim? (Isto é, uma atividade que possui início e fim? Ou é apenas uma etapa de uma atividade, finalizada por outras pessoas ou máquinas?)

**E:** *Todo o trabalho foi inicialmente concebido junto, desde separar a terra, escolher as sementes, fazer as cercas, fazer a farinha, vender os produtos, etc., sempre há um rodízio de tarefas, para possibilitar a plena capacitação de todos.*

Diferente do modelo fordista, onde o trabalhador pode até saber qual é o produto final, mas ele não tem ideia de como fazer todas as etapas de criação, no mundo particular do cooperativismo a noção de historicidade do processo e do produto final é diariamente estimulada, trazendo formação e motivação para todos os envolvidos na atividade.

**P:** De um modo geral, o quão significativo ou importante é percebido o trabalho? (Isso é, o resultado do seu trabalho influencia na vida ou no bem-estar de outras pessoas?)

**E:** *No primeiro olhar é perceptível a melhora significativa da autoestima dos associados, principalmente pelo sentimento de pertença e de sentir-se parte da história da comunidade e o trabalho que estava sendo desenvolvido. Transformações pessoais diárias e aumento na valorização dos produtos feitos na comunidade. Existe a pobreza, mas para eles a pobreza é só uma condição imposta, mas existe o bem viver, mesmo sem ter altos níveis de acumulação de capital, tendo apenas o suficiente para viver com dignidade.*

De acordo com a teoria da hierarquia das necessidades de Maslow, os seres-humanos vivem em busca da satisfação de determinadas necessidades. Como pôde-se observar, os níveis mais altos propostos por Maslow, que são a estima e realização pessoal, são atingidas na forma de trabalho da ASA dos Pretos, o que gera a força motivadora nos indivíduos.

**P:** O quanto você recebe informações sobre o seu desempenho no trabalho? (Isso é, você tem conhecimento se o seu trabalho tem sido bem executado através de algum “feedback” que os colegas de trabalho ou supervisores fornecem?)

**E:** *O Feedback, é sempre imediato, avaliações de cada trabalho, em grupo e individualmente. Nessa dinâmica, até a comunidade no geral dava opiniões e tecia comentários sobre os trabalhos realizados, positiva e negativamente, de como impactava na comunidade no seu dia a dia. Um processo contínuo e permanente de escuta entre a ASA dos Pretos e a Comunidade, e a Comunidade entre si. Em casos de feedbacks negativos, era feito*

*uma retomada de todo o processo, para identificar o erro sempre de forma pedagógica, explicando as consequências de todas as práticas.*

Observa-se que o feedback na experiência em questão, é sempre baseado no caráter educativo, jamais punitivo. Atingindo, assim, seu objetivo fundamental, que é auxiliar as pessoas a melhorarem seu desempenho e performance através do fornecimento de informações e orientações.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Economia Solidária e o Cooperativismo são alternativas viáveis para combater os problemas da Qualidade de Vida no Trabalho (QVT).

Após o “debruçar-se” em um longo e amplo estudo bibliográfico, bem como a dedicação afincada sobre Economia solidária e Cooperativismo, e ainda a qualidade de vida no trabalho destacadamente identificada a partir da inserção na experiência da ASA dos Pretos, inicia-se estas considerações com a afirmação acima. Pois além de gerar trabalho e inclusão social, mostrou-se eficaz no estímulo de boas práticas nas relações e no ambiente de trabalho.

A cooperativa estudada se constrói a cada dia, e demonstrou ser formada por pessoas aguerridas que utilizaram uma experiência solidária, a associação, como uma oportunidade de inserção no mercado de trabalho, sem que com isso precisassem aderir as práticas puramente capitalistas, mesmo que inseridas num mercado marcado pela competitividade. Optaram pelo campo da Economia Solidária, e da cooperatividade e, dentro de inúmeras dificuldades a elas apresentadas, vêm construindo sua realidade pautada em práticas solidárias, mas que ainda necessitam de subsídios e fomento para impulsionar o crescimento.

Ao final, fez-se uma última pergunta aos membros da diretoria da associação entrevistada, sendo: *Faça uma análise sobre a forma de trabalho e relacionamento com todos os agentes envolvidos na atividade* (observando o desenvolvimento pessoal e coletivo do potencial de debate existencial-cultural/político/social desses agentes).

Não obstante, Elivania Estrela enfatizou a importância da solidariedade e do cooperativismo na comunidade, ao dizer que

Desse trabalho cooperativo, destacam-se três grandes resultados: a melhora da condição de vida e renda dos associados; a União dos trabalhadores em prol da comunidade e do meio ambiente, a exemplo da melhoria do acesso para poder escoar a produção e o transporte; e por fim, se identificar como povo quilombola, como uma comunidade que tem direitos. (Entrevista).

Assim sendo, como se propunha a pesquisa, pode-se discernir a eficácia do empreendimento solidário, percebido em suas práticas cotidianas, oportunizando qualidade de vida, bem como os parâmetros que caracterizam o trabalho decente, estes, naturalmente atendidos não como regras impostas que devem obrigatoriamente ser seguidas, mas como práticas cidadãs adotadas. No sentido da solidariedade e do respeito à dignidade humana, como forma de reinserção no mundo de trabalho, demonstrando o último dos objetivos do presente estudo que era averiguar a relação de tais modelos de trabalho com desenvolvimento humano e social.

Como diz Frei Betto: “A esperança pressupõe que, mesmo quando tem um projeto, não necessariamente será possível ser bem-sucedido, a esperança não desanima, mesmo quando o êxito não é imediato. O grande desafio da educação popular, bem como da cooperação em geral, na atualidade, é exatamente ativar a esperança, fazer com que ela se traduza e se personifique em concretude política cotidiana.”

## **SOLIDARY ECONOMY AND COOPERATIVISM AS PRACTICES FOR QUALITY OF LIFE AT WORK**

**Abstract:** This research has as main purpose to analyze investigating, from the approaches of various literatures, mirrored in a practical case, the effectiveness of Solidarity Economy practices and cooperatives in face of the challenges of quality of life at work. Addressed in a context of quality of life crisis the experience of Solidarity Economy and its cooperative form of work. Arising in a context of crisis in the quality of work life, as evidenced by repeated cases of stress in working life, solidarity cooperativism has been placed not only as a work alternative, but also as an embryo of a new productive model and labor relations. The research instrument used was a case study, with the application of a interview, centered on a cooperative experience from the Solidarity Economy field, in the Pombado Santo Antônio dos Pretos quilombola community, in the region of Penalva, Maranhão. The research results showed that Solidarity Economy and Cooperativism are viable strategies to combat the problems of quality of life at work.

**Keywords:** Solidarity Economy. Cooperativism. Quality of life at work.

### **REFERÊNCIAS**

BETTO, Frei e CORTELLA, Mario Sergio. Sobre a Esperança: Diálogo. 5º Ed. Campinas SP: Papirus 7 Mares, 2012.

BUBBER, Martin. O Socialismo Utópico. Debates de Filosofia. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BULGARELLI, Waldírio. As sociedades cooperativas e a sua disciplina jurídica. Rio de Janeiro: Renovar, 1998.

BÜTTENBENDER, Pedro Luís et al. (Org.). Gestão de Cooperativas: fundamentos, estudos e prática. Porto Alegre: Unijuí, 2011.

CASSAR, Vólia Bomfim. Direito do Trabalho. Niterói: Editora Impetus, 2008.

CATTANI, A.D. (org), A Outra Economia. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

CHIAVENATO, I. Gerenciando Pessoas: O Passo Decisivo para a Administração Participativa. São Paulo: Makron Books, 1992.

CHIAVENATO, Idalberto. Introdução à teoria da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CHIAVENATO, Idalberto. Introdução á teoria geral da Administração. São Paulo: Atlas, 1993. Disponível em: < <http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/qualidade-de-vida-no-trabalho-fator-decisivo-no-desempenho-organizacional/26723/>>. Acessado 10 de novembro de 2019.

CHIAVENATO, Idalberto. Recursos humanos: o capital humano das organizações. 9. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

DUTRA, J.S. (Org.). Gestão por competências. São Paulo, Gente, 2001.

FURQUIM, Maria Célia de Araújo. A Cooperativa como alternativa de trabalho. São Paulo: LTR. 2001

GAIGER, Luiz Inácio. (2002). A economia solidária diante do modo de produção capitalista. São Leopoldo, disponível em [www.ecosol.org.br](http://www.ecosol.org.br). Acessado 10 de novembro de 2019.

GALEANO, Eduardo. O Livro dos Abraços. Porto Alegre: L&PM, 1991.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HILSDORF, Carlos. “O que é empowerment e como ele funciona?”. <http://carloshilsdorf.com.br/blog/empowerment/>. Acessado 12 de novembro de 2019.

IRION, João Eduardo Oliveira. Cooperativismo e Economia Social: a prática do cooperativismo como alternativa para uma economia centrada no trabalho e no homem. São Paulo: Editora STS, 1997.

MAUAD, Marcelo. Cooperativas de Trabalho sua relação com o direito do trabalho. São Paulo: 1999.

MENEZES, Maria Thereza. Economia Solidária: Elementos para uma Crítica Marxista. Rio de Janeiro: Gramma, 2007.

MOTTA, Fernando C. Prestes. Teoria geral da administração: uma introdução. São Paulo: Pioneira, 2006.

SCHMIDT, Carlos e NOVAES, Henrique T. Economia Solidária e Transformação social. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

SICREDI. Cooperativas. Disponível em: <<https://www.sicredi.com.br/html/conheca-o-sicredi/>>. Acessado 09 de novembro de 2019

SOUZA, Jessé. A Elite do Atraso da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SANTOS, Boa Ventura de Sousa (org). Produzir para Viver. Os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

UOL. Estresse no trabalho vira doença, afirma OMS. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/05/28/estresse-no-trabalho-vira-doenca-afirma-oms.htm>. Acessado 12 de novembro de 2019.

## ANEXO A – GALERIA DE FOTOS

### Fotos da ASA dos Pretos



Foto 1 – Reunião de pesquisa com a diretora Elivânia Estrela.



Foto 2: Roda de Conversa sobre as práticas de plantio e cidadania com os jovens.



Fotos 3, 4, 5 e 6: Prática da roça no Povoado.



Foto 7: Construção da cerca da roça.